

## AUTONOMIA E EPISTEMOLOGIA DA PRÁTICA: ANÁLISE A PARTIR DA FEIRA DE CONHECIMENTOS SOBRE AMÉRICA LATINA

*Autonomy and epistemology of practice: analysis from the Latin America Knowledge Fair*

*Autonomía y epistemología de la práctica: análisis desde la Feria del Conocimiento de América Latina*



**Rinaldo de Castilho ROSSI** – Graduado e Mestre em Geografia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA); Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana da Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, SP, Brasil. *ORCID ID:* <https://orcid.org/0000-0003-3171-9168> *URL:* <http://lattes.cnpq.br/9976945053869044>  
*EMAIL:* [rinaldorossi.geo@gmail.com](mailto:rinaldorossi.geo@gmail.com)

### RESUMO

Muitos são os desafios dos educadores recém-formados. No ensino de ciências humanas, uma das dificuldades atuais é lidar com o excesso de informações disponíveis em meio digitais, por vezes mais “atrativas” para as crianças e adolescentes. No ensino público as barreiras são mais delicadas, que podem ir desde um ambiente doméstico desfavorável, até o baixo repertório de conteúdos fundamentais entre discentes. O estudo sobre a América Latina no Ensino Básico é diretamente afetado, uma vez que poucos brasileiros conhecem a história e as dinâmicas da região, sendo um conteúdo pouco acessível à maioria dos estudantes de escola pública. Este artigo visa apresentar e analisar a realização da Feira de Conhecimentos sobre América Latina, vinculada ao Departamento de Geografia da Universidade Federal da Bahia, ressaltando a importância de conceitos da Educação como autonomia e epistemologia da prática para formação docente. A partir da documentação das quatro etapas de realização do projeto e da análise a partir de conceitos da Educação e do Ensino em Geografia foi possível evidenciar a importância da elaboração conjunta, entre educadores e educandos, de práticas pedagógicas ancoradas na interdisciplinaridade e em múltiplas linguagens, a fim de tornar a educação geográfica sobre América Latina mais adequada à cotidianidade dos diversos ambientes de ensino-aprendizagem possíveis.

**Palavras-chave:** América Latina; Ensino de Geografia; Epistemologia da prática.

Histórico do artigo

Recebido: 12 junho, 2020  
Aceito: 17 julho, 2020  
Publicado: 31 agosto, 2020

### ABSTRACT

There are many challenges for newly educated educators. In the teaching of humanities, one of the current difficulties is dealing with the excess of information available in digital media, sometimes more "attractive" for children and adolescents. In public education, barriers are more delicate, ranging from an unfavorable home environment to the low repertoire of fundamental content among students. The study of Latin America in Basic Education is directly affected, since few Brazilians know the history and dynamics of the region, and content that is not accessible to most public school students. This article aims to present and analyze the realization of the Knowledge Fair on Latin America, linked to the Department of Geography at UFBA, emphasizing the importance of Education concepts such as autonomy and epistemology of practice for teacher education. From the documentation of the four stages of carrying out the project and the analysis based on concepts of Education and Teaching in Geography, it was possible to highlight the importance of the joint elaboration, between educators and students, of pedagogical practices anchored in interdisciplinarity and in multiple languages, in order to make geographic education about Latin America more adequate to the daily life of the various teaching-learning environments possible.

**Keywords:** Latin America; Geography Teaching; Epistemology of practice.

### RESUMEN

Hay muchos desafíos para los educadores recién educados. En la enseñanza de las humanidades, una de las dificultades actuales es lidiar con el exceso de información disponible en los medios digitales, a veces más "atractivo" para niños y adolescentes. En la educación pública, las barreras son más delicadas, desde un entorno hogareño desfavorable hasta el bajo repertorio de contenido fundamental entre los estudiantes. El estudio de América Latina en Educación Básica se ve directamente afectado, ya que pocos brasileños conocen la historia y la dinámica de la región, y un contenido que no es accesible para la mayoría de los estudiantes de las escuelas públicas. Este artículo tiene como objetivo presentar y analizar la realización de la Feria del Conocimiento sobre América Latina, vinculada al Departamento de Geografía de la UFBA, haciendo hincapié en la importancia de los conceptos de educación, como la autonomía y la epistemología de la práctica para la formación docente. A partir de la documentación de las cuatro etapas de realización del proyecto y el análisis basado en conceptos de Educación y Enseñanza en Geografía, fue posible resaltar la importancia de la elaboración conjunta, entre educadores y estudiantes, de prácticas pedagógicas ancladas en la interdisciplinariedad y en múltiples idiomas, con el fin de hacer que la educación geográfica en América Latina sea más apropiada para la vida diaria de los diversos entornos de enseñanza-aprendizaje posibles.

**Palabras-clave:** Latino-américa; Enseñanza de geografía; Epistemología de la práctica.

## 1 INTRODUÇÃO

Os educadores recém-formados das ciências humanas têm enfrentado novos desafios na atualidade, onde o excesso de informações em meio digitais e de "atrativas" fontes não-científicas – por vezes anticientíficas ou revisionistas – apresentam-se, por vezes, mais estimulantes para as crianças e adolescentes que a escola.

No ensino público, isso intensifica-se com as desvantagens enfrentada pelos estudantes, como contextos domésticos desfavoráveis ao estudo e a restrição no repertório

de conteúdos fundamentais; fatores que, entre outros, desfavorecem o estudo sobre a América Latina no Ensino Básico.

Buscando difundir e debater metodologias alternativas para lidar com o ensino de Geografia da América Latina, este artigo consiste em relatar a realização da Feira de Conhecimentos sobre América Latina, vinculada ao Departamento de Geografia da Universidade Federal da Bahia, e analisá-la a partir de conceitos da Educação, a exemplo da autonomia e da epistemologia da prática, utilizadas durante a concepção e realização do projeto, e que apresentam potentes ferramentas para a formação e a prática docente.

Este trabalho, portanto, foi organizado em duas etapas, sendo a primeira o relato do projeto, que abarca a apresentação de informações básicas, conteúdos e procedimentos que envolveram sua realização; e a segunda que consistiu em ressaltar conceitos científicos que estiveram, deliberadamente ou não, presentes nas quatro etapas de realização da Feira, utilizando esses conceitos para analisá-la.

A análise científica deste projeto, que teve grande adesão e interesse por parte dos estudantes envolvidos e da comunidade universitária, permitiu tecer considerações teórico-metodológicas que, junto a sua descrição, podem auxiliar educadores e pesquisadores a pensar a renovação das práticas pedagógicas frente aos desafios, antigos e atuais, que envolvem o Ensino de Geografia na Educação Básica.

## **2 RELATO DO PROJETO**

A Feira de Conhecimentos sobre América Latina foi um evento, realizado em duas edições no Instituto de Geociências da UFBA, integrando o rol de avaliações da disciplina Geografia da América Latina. No planejamento inicial do semestre a atividade consta como Projeto Especial, tomando forma posteriormente, a partir da reflexão conjunta em sala de aula.

O projeto está vinculado à disciplina Geografia da América Latina, ofertada pelo Departamento de Geografia da UFBA, campus Salvador, para estudantes das licenciaturas em Geografia, noturno e diurno, e para outros cursos desta Universidade. O foco aqui será apresentar e discutir os procedimentos e objetivos da segunda edição, realizada entre os dias 27 e 28/05/2019, com a participação direta de 29 discentes que participaram das quatro etapas do projeto: 1) concepção; 2) planejamento e preparação; 3) realização; 4) avaliação; que duraram três meses, entre Março e Junho.

O projeto também contou com a parceria da turma da disciplina Geografia Política

que realizou o debate: “Cone Sul: perspectivas no espaço-tempo” na Feira, bem como com o envolvimento de outros agentes da Instituição, a exemplo do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência (PIBID) em Geografia, da diretoria e outros membros do Instituto de Geociências (IGEO), de estudantes estrangeiros e docentes do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFBA, do Centro Acadêmico (C.A.) de Geografia, do Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE-UFBA), do Museu Afro-brasileiro (MAFRO-UFBA), do costa-riquenho e professor da Escola de Música da UFBA, Dr. Mário Ulloa que ministrou uma oficina, entre outros parceiros.

Valorizando o uso das áreas comuns do Instituto de Geociências, com exposições, veiculação de músicas e participação de outros membros da comunidade, o evento, deliberadamente, modificou o cotidiano desta unidade de ensino, especialmente na semana de sua realização.

O Projeto Especial, como constou no planejamento da disciplina Geografia da América Latina nos dois semestres em que foi ofertada, foi pré-concebido a partir de princípios fundamentais na formação docente, especialmente nos dias atuais, que compõem o objetivo geral do projeto: exercitar a autonomia e a curiosidade no processo de ensino-aprendizagem de Geografia da América Latina;

Ademais, destaca-se os objetivos específicos que foram moldados ao longo das etapas de preconcepção e concepção do projeto:

- Estudar a geografia da América Latina através da síntese sociedade e natureza, explorando particularidades sub-regionais;
- Fomentar práticas integradas de ensino-pesquisa-extensão;
- Valorizar as contribuições dos povos originários e dos povos da diáspora africana na formação latino-americana;
- Fomentar a utilização das artes no ensino de Geografia;
- Preparar futuros docentes para a organização de eventos em instituições de ensino;
- Contextualizar conteúdos da Geografia da América Latina com a vida cotidiana.

## 2.1 Conteúdos curriculares

A disciplina Geografia da América Latina abarca o estudo e interpretação do espaço que foi historicamente concebido como América Latina, que não se trata de uma delimitação

consensual ou precisa. Assim, o primeiro conteúdo trabalhado na disciplina é pensar o que é (ou pode ser) a América Latina, como defini-la?

Esse conteúdo começa a ser analisado em perspectiva teórica e segundo as percepções dos discentes na etapa de preparação da Feira, enquanto que a realização permite a operacionalização de conceitos e das possibilidades relacionais que envolvem a América Latina; região do mundo que abarca partes do continente americano, países e povos envolvidos em processos coloniais semelhantes, que submeteram povos originários a modelos de produção baseados no escravismo, na imigração de europeus e em uma dominação cultural e política forte da Igreja Católica, entre outros aspectos.

Nessas áreas colonizadas por países de língua latina, especialmente Espanha, Portugal e França, há um conjunto de diferenças e também outras tantas semelhanças. Nelas, não se pode dizer que a influência e dominação europeia tenha se encerrado com as lutas por independência. A colonialidade, portanto, refere-se àquilo que Quijano (2005) e Fanon (2008) consideraram como o conjunto dos efeitos do racismo estrutural e eurocentrismo nos modos de dominação contemporâneos.

A colonialidade como fator particular aos países e povos da América Latina a torna também um locus epistêmico, estabelecido por uma identidade cultural e política integradora (ALMEIDA; SILVA, 2015) que resiste à dominação econômica eurocêntrica e norte-americana. O que permite pensar também em que medida o Caribe e outros países que falam o inglês e o holandês compõem essa dinâmica regional.

A discussão sobre as hipóteses do surgimento do termo “América Latina”, realizadas em sala, remontam à própria influência da França iluminista e napoleônica no movimento “pan-latinista”, contexto que permitiu sua consolidação (FARRET; PINTO, 2011).

Colocar a questão linguística como elo integrador da região revela apenas uma parte da questão e favorece a invisibilidade dos povos originários, que nunca deixaram de resistir contra processos de dominação, que são também culturais.

Um nítido exemplo é a língua nativa quéchua que, só no Peru, totaliza mais de 3 milhões de falantes, cerca de 15% da população, segundo o Censo de 2007, sendo que muitos sequer falam castelhano. Essa realidade não é incomum e grande parte dos povos originários que se organizam a partir de sua própria cosmovisão, não apenas como fazem muitos dos povos da Amazônia, mas também como os Guarani na fronteira Brasil-Paraguai ou como os Mapuches nas fronteiras sul do Chile e Argentina.

Parte-se então da perspectiva que as diversas realidades latino-americanas não se

resumem aos limites dos Estados nacionais, suas línguas e determinações oficiais; de modo que a Geografia também não pode se limitar a elas. Surge aí um topônimo importante para a reflexão: Abya Yala, termo do povo kuna, ressignificado e utilizado hoje por movimentos indígenas e decoloniais para se referir às Américas (ALMEIDA; SILVA, 2015).

Estes temas abordados na preparação “desaguam” na realização da Feira, que abre espaço para que os discentes demonstrem o resultado de suas pesquisas sobre as diversas dimensões e possibilidades do espaço latino-americano.

Nas diversas etapas do projeto foi possível refletir e operacionalizar conceitos como: região, identidade, geopolítica, Estado-nação, território, entre outros. Além do foco em pensar definições e modos de operacionalização possíveis para a América Latina, o projeto permitiu abordar outros conteúdos, como:

a) Domínios de natureza e geoarqueologia das Américas:

Apresentadas e discutidas teorias, cartografias e imagens que revelam o surgimento dos domínios de natureza das Américas e estudos sobre a paleogeografia da última Era Glacial, como a teoria dos refúgios. Também foram abordadas as hipóteses sobre a chegada da humanidade nas Américas e as territorialidades dos povos originários, pensando passado e presente.

b) Revoltas e a constituição dos Estados na América Latina:

Leituras da historiografia e da geohistória sobre movimentos de independência e disputas entre movimentos populares, criollos liberais e conservadores. Trata-se de analisar o pan-latinismo e as experiências do século XIX, enfatizando o crescimento da influência inglesa e francesa. Nesse item são abordados temas como movimentos negros e indígenas, conflitos de fronteiras e migrações.

c) Epistemologias pós-coloniais para a América Latina:

A princípio significa admitir modos de produzir e compartilhar conhecimentos e saberes não-eurocentrados e também não científicos, a fim de não praticar a violência simbólica (BOURDIEU; PASSERON, 1992) e evidenciar o epistemicídio para com outras matrizes do saber (SOUZA-SANTOS, 2007). Valorizando a participação negra e indígena na construção latino-americana.

d) Urbanização da América Latina:

Conhecer e refletir sobre o processo de construção de cidades atuais, que envolveu desde a invasão das terras indígenas até a destruição de cidades de povos originários. Pensar a urbanização moderna, as redes urbanas nas sub-regiões e teorias sobre a urbanização latino-americana (SANTOS, 1982).

e) Relações culturais e políticas entre os povos:

Trata-se de pensar como movimentos culturais e políticos têm fortalecido a coesão regional no século XX e XXI, com destaque à luta contra as ditaduras e a Operação Condor, que permitiram uma maior afirmação dessa identidade; mas destacando as interações contemporâneas que envolvem o fenômeno artístico e as possibilidades no plano dos movimentos sociais e educacionais.

f) Geopolítica e relações internacionais:

Um dos elementos presentes nas etapas da Feira é o pensamento sobre a geopolítica mundial e o papel da América Latina nela. Coube pensar a globalização mundial, discutida em Santos (2003), e além disso resgatar o histórico dos acordos bilaterais, enfatizando as conjunturas geopolíticas que os influenciaram. Houve um espaço na 2ª edição da Feira reservado para a discussão sobre a conjuntura política atual da América do Sul, pensando o ascenso de governos conservadores, como o brasileiro, tema com poucas publicações acadêmicas.

Na Feira de Conhecimentos Sobre América Latina esses conteúdos foram trabalhados através de procedimentos diversos e geralmente de modo não-segmentado, a partir de múltiplas linguagens, definidas pelas escolhas dos discentes, feitas com base nas potenciais metodologias de difusão dos mesmos.

## 2.2 Procedimentos didáticos adotados

A II Feira de Conhecimentos da América Latina, concebida e realizada em uma construção coletiva ao longo das aulas, teve seu início quando o Projeto Especial foi apresentado, com os demais elementos da ementa e cronograma no primeiro dia de aula. A primeira reunião para discutir o projeto ocorreu no dia 12/03/2019, quando foi colocado para o grupo o desafio de criar uma atividade avaliativa que contribuísse para a formação como professor, a partir de alguns questionamentos que poderiam ser norteadores da concepção da proposta:

- “Como despertar curiosidade sobre os conteúdos da Geografia da América Latina em estudantes e em sua comunidade educativa?”
- “Como trabalhar conceitos geográficos a partir da interdisciplinaridade, com linguagens, conteúdos e docentes de outras áreas?”

- “Quais mecanismos podem favorecer a autonomia e a tomada de decisões no contexto de ensino-aprendizagem?”

O primeiro encontro foi um momento de muitas reflexões sobre educação e expectativas para a vida profissional, além de ter possibilitado a apresentação de algumas das referências teóricas que poderiam auxiliar a pensar tais questões.

Por conta da riqueza da discussão, a deliberação acerca da concepção só foi tomada em uma segunda reunião, ocorrida no dia 26/03/2019. Na oportunidade se discutiu de modo um pouco mais pragmático as possibilidades para o projeto. Naturalmente, a Feira de Conhecimentos apareceu como uma proposta, por conta do impacto que a primeira edição havia alcançado, estimulando, inclusive, alguns dos estudantes a se matricularem na disciplina. Com base nisso deliberou-se por realizar a segunda edição da Feira, desde que feitas algumas mudanças na programação e organização. Essas duas reuniões integraram, assim, a primeira das 4 etapas deliberadas para o projeto: 1) concepção; 2) planejamento e preparação; 3) realização; 4) avaliação.

Com a atividade concebida, foi dado início à etapa 2, quando foi lançado para os estudantes dois desafios: o das artes, em que cada estudante (ou dupla, ou trio) deveria trazer manifestações artísticas sobre América Latina; e o da pesquisa, onde deveriam realizar estudo acadêmico e documental, pensando meios de difundir tais conhecimentos em uma comunidade universitária ou escolar.

Dentre o rol de procedimentos didáticos utilizados na etapa de preparação, no sentido de estimular a pesquisa destaque aqui: apresentação de documentários tratando da dimensão física das Américas e do surgimento da humanidade nessas terras; visita ao museus MAE e MAFRO para ampliar os conhecimentos sobre as contribuições indígenas e negras na América Latina; análise de cartografias históricas e atuais; aulas expositivas sobre conteúdos relevantes e discussão de textos e contribuições autorais.

Para lidar com a diversidade de interesses manifestados pelos licenciandos sobre como difundir os conteúdos e envolver a comunidade universitária foi feita a divisão da turma em Grupos de Trabalho (GTs) que atuariam conjuntamente nas etapas de Planejamento e preparação (2) e de realização (3), sejam eles: Instalação, Performance, Culinária, Debate e Organização.

Validou-se coletivamente também a utilização da instalação geográfica na Feira, metodologia onde:

[...] a criação e o criador se encontram no espaço, pois exige do aluno além da aprendizagem a criatividade que perpassa as estruturas mentais, porque exige projeto, projeção mental, força de criação, conhecimento do conteúdo que irá construir durante todo o processo de criação, repetimos relação por contrastes. (RIBEIRO, 2009, p. 561).

A instalação geográfica é uma ocupação do espaço com materiais, confeccionados ou organizados pelos próprios estudantes, que servem para difundir conhecimentos com o conjunto da comunidade, estimulando o educando a buscar ferramentas dinâmicas e inovadoras, além de terem que usar linguagem que seja mais inclusiva possível, para que possa alcançar professores, estudantes, funcionários e às vezes até as famílias. Nessa proposta, os estudantes são convidados também a explanarem o sentido da instalação criada, o processo criativo e os conteúdos que a fundamentam.

As instalações geográficas favorecem a curiosidade e a criatividade e podem estar combinadas com outros métodos como a performance (RIBEIRO, 2009). Na etapa 3 (realização), ambas as metodologias foram utilizadas e os registros mostram a apresentação musical, recital de poesia, bem como a instalação de painéis, varal, mural dos artistas, entre outras propostas acompanhadas de algum tipo de explanação acerca de seu sentido.

Ademais, o grupo de instalação optou por fazer folders para divulgar as pesquisas sobre povos originários e sobre domínios de natureza nas Américas. Confeccionados por membros do grupo, o material foi impresso com apoio da direção do IGEO, sendo distribuído e explicado pelos alunos durante os momentos de “pico” do evento.

Outras metodologias também foram escolhidas e preparadas na etapa 2 e executadas na etapa de realização (3). O grupo de culinária, que repetiu uma metodologia da Feira anterior, ficou responsável por produzir e servir alimentos típicos de países da América Latina no IGEO, durante os momentos de realização da Feira, devendo ser cobrado valores simbólicos para cobrir custos. Coube a este grupo também estudar e apresentar na Feira conhecimentos como: localização de surgimento de frutas e legumes típicos de povos originários, bem como os intercâmbios entre etnias e países que envolveram o surgimento dos pratos escolhidos.

Outra metodologia utilizada foi o diálogo cultural e acadêmico, de responsabilidade do grupo Debate. A proposta dos estudantes foi criar espaços livre de diálogo e intervenção artística que abordassem conceitos e temas, de modo a estimular a participação, criatividade e curiosidade. Os temas escolhidos para terem destaque nessa etapa foram: Colonialidade, Sub-regiões latino-americanas e intercâmbios entre países.

A partir desta metodologia foram realizadas quatro propostas: i) diálogo sobre a Geografia da América Latina e ensino, com os bolsistas do PIBID, durante a ExpoPIBID; ii) palestra de abertura da Feira, com conferência proferida por discentes da disciplina Geografia Política e declamação de poesias; iii) diálogo acadêmico-cultural intitulado “América Latina: questões regionais do passado e presente” que contou com intervenções musicais e acadêmicas, estas com a participação de estudantes estrangeiros da pós-graduação; iv) oficina de cultura latino-americana com o Prof. Dr. Mário Ulloa, costarriquenho e Titular da Escola de Música da UFBA.

As atividades propostas e executadas pelos GTs ocorreram segundo o cronograma geral da Feira, entre os dias 27/05/2019 e 31/05/2019, o conjunto das atividades da Feira foram assessoradas pelo grupo de Organização, composto pelo professor ministrante da disciplina e por um número reduzido de quatro discentes, que compunham também os outros GTs. A esta equipe coube auxiliar a comunicação entre grupos, resolver questões técnicas com a instituição, mediar conflitos, entre outras atribuições.

A etapa 3, quando efetivamente houve a realização da Feira, foi a mais difícil por envolver a operacionalização das ideias concebidas e planejadas anteriormente, momento de enfrentar os desafios que envolvem o exercício da prática profissional, que não se restringe ao domínio formal de determinado conjunto de conteúdos, gerando a satisfação de realizar algo diferente de um seminário acadêmico ou uma prova. Ter que dar conta de um evento multifacetado, onde nos expomos frente a um público e uma instituição, foi uma experiência desafiante e que inegavelmente forjou em todos algum tipo de habilidade ou competência para docência e para a vida profissional de modo mais amplo.

Reflexões sobre os momentos difíceis e as soluções encontradas para mediação de conflitos e resolução de problemas foram apresentadas durante o encontro final da etapa de avaliação (4), melhor descrita em item subsequente, quando docente e discentes puderam expressar alguns dos atributos adquiridos através da construção da Feira, enquanto experiência de ensino-aprendizagem.

### **2.3 Avaliação de aprendizagem**

Considerando a autonomia como princípio fundamental da concepção do projeto, um dos desafios colocados foi o de pensar sobre o modelo de avaliação, o que levou o docente ao diálogo com conceitos como “avaliação contextualizada” ou “avaliação formadora”, que questionam modelos que dão maior ênfase a processos de classificação e

seleção, espécie de uso dos resultados dos exames para prestar contas a um sistema meritocrático.

Propostas de avaliação que superem o sentido último de aprovação ou reprovação são necessárias quando se opta por construir uma proposta que vise a inclusão do aluno, a partir de princípios de descolonização do saber.

Cabe aqui assinalar que a hegemonia de um modelo de avaliação com base em princípios meritocráticos no Brasil possui nexos com o processo histórico de implementação da educação formal, inicialmente pela Igreja Católica, posteriormente pela influência das demandas do mundo industrial (RIBEIRO, 2016).

Essas preocupações são especialmente importantes no Ensino de Geografia porque, especialmente no ensino Fundamental, este possui processos avaliativos muito baseados na memorização e repetição; reproduzindo um ensino tradicional em Geografia, que pouco agregará à formação profissional e cidadã, que pressupõe uma autonomia e criticidade, fundamentais na era da informação (RIBEIRO, 2016).

Nesse sentido, a escolha de um método de avaliação não poderia estar dissociado dos princípios assinalados, devendo ser considerada a diversidade sociocultural e as diferentes bagagens dos discentes, já que estes futuros professores devem também estar preparados para lidar com a educação em contextos que podem ser diversos e adversos.

Essas reflexões favoreceram a escolha de um método que alcançasse, em certo grau, o que almejou Freire (1996, p. 25): “O ideal é que, cedo ou tarde, se invente uma forma pela qual os educandos possam participar da avaliação”. Não seria possível, por outro lado escapar da avaliação quantitativa, prerrogativa da avaliação nos cursos de graduação da UFBA.

Foi desenvolvido então um método de avaliação para a Feira que foi aceito pelos estudantes. Composto por uma autoavaliação individual e uma avaliação coletiva, que não se restringisse a uma nota no final, mas que servisse, enquanto processo, para a realização de uma autocrítica individual-coletiva, um compartilhamento de dificuldades e aprendizados e a produção de reflexões síntese sobre educação.

O procedimento adotado e apresentado na etapa de concepção, envolveu a construção, por parte de cada um dos estudantes, de um relatório que incluísse um item de autoavaliação e outro de avaliação coletiva, que deveria ser composto por considerações em três eixos: organização, conteúdo e criatividade.

O relatório deveria ser pensado e/ou construído ao longo de todas as etapas da Feira, sendo discutido coletivamente em algumas das reuniões de preparação do projeto,

mas sendo encerrado no encontro de avaliação, quando todos foram convocados a falar sobre seus relatórios e quando foi construída, coletivamente, a nota final, como uma média simples de todas as notas atribuídas pelos estudantes ao seu processo individual-coletivo e pelo professor, resultando em uma nota de 2,6 pontos de um total de 3,0 na segunda edição da Feira (a Feira não foi a única atividade avaliativa da disciplina).

A autonomia do processo de avaliação e de atribuição de nota causou espanto a todos no início. O fato é que estamos pouco acostumados a sermos os “juízes” de nossas próprias atitudes e, em alguns momentos, os estudantes chegaram a demonstrar grande insegurança, negando a proposta com palavras ou com reações faciais e sonoras.

Ao final, no entanto, o processo de autoavaliação coletiva revelou-se potente ferramenta de amadurecimento, tendo certo papel ‘terapêutico’, permitindo um diálogo franco sobre inseguranças e dificuldades, e como a construção do projeto permitiu trabalhar aspectos que não se restringiram a atributos acadêmicos, mas também pessoais e profissionais.

A proposta de autoavaliação coletiva foi reveladora das contradições que envolvem o exercício da autonomia no processo de ensino-aprendizagem. Um dos principais dilemas revelados no encontro final de avaliação foi o de escolha da nota, que deveria expressar o equilíbrio entre o reconhecimento dos sucessos e a ponderação crítica, mas que também era pautada pelos interesses classificatórios, que envolvem o “coeficiente de rendimento”, que é sua “nota geral” na UFBA.

Ao final do encontro, passada a tensão do momento de autoavaliação obrigatória, foi franqueada a palavra e surgiram outras reflexões sobre o processo de avaliação na universidade e no ensino básico. Ainda que haja muita insegurança e seja efetivamente mais difícil aplicar um método de autoavaliação no ensino básico, a sua realização no processo de formação de professores revelou-se uma proposta muito útil que permite aos futuros professores refletirem, na prática, sobre o processo avaliativo.

Na síntese final da turma, algumas reflexões coletivas demonstraram-se muito úteis para a formação docente, ainda que não se tenha chegado a uma resposta conclusiva para elas:

- Como avaliar de modo justo pessoas que possuem bagagens e histórias de vida diferentes?
- Qual peso deve ser atribuído ao conteúdo, frente a outras competências de natureza relacional ou procedimental que foram adquiridas?

- Como fazer da avaliação um momento de aprendizado?

A proposta de autoavaliação realizada foi importante, então, para colocar o processo de avaliação na pauta da formação dos licenciandos a partir do princípio da autonomia. Além disso permitiu criar e fortalecer vínculos e criar memórias do processo educacional que vão desde os momentos de desafio e aprendizagem, aos do riso e dos afetos.

## 2.4 Autoavaliação docente

Colocar-se na tarefa de educar, especialmente no Brasil contemporâneo, não é algo simples e em muitos casos só é possível com grande esforço profissional e envolvimento pessoal. Em certo grau, é pré-requisito a humildade para perceber que ensinar é também aprender, em um movimento que não se finda:

Ao pensar sobre o dever que tenho, como professor, de respeitar a dignidade do educando, sua autonomia, sua identidade em processo, devo pensar também, como já salientei, em como ter uma prática educativa em que aquele respeito, que sei dever ter ao educando, se realize em lugar de ser negado. Isto exige de mim uma reflexão crítica permanente sobre minha prática através da qual vou fazendo a avaliação do meu próprio fazer com os educandos. (FREIRE, 1996, p. 25).

Esse princípio nos remete de volta à ideia de epistemologia da prática, uma vez que a própria prática docente é forjadora do seu aperfeiçoamento. Nesse sentido, a construção da Feira permitiu amadurecimento profissional e pessoal inestimável, também para o professor.

O fato de estar aberto a uma atividade avaliativa flexível e de isso ter tido muitos resultados importantes em suas duas edições reforçou, no docente responsável pela disciplina, a ideia de que a prática docente nunca deve estar fechada ao novo e muito menos ser impermeável aos saberes e quereres dos discentes envolvidos. O exercício contínuo de reinventar-se como docente desencanta inseguranças e incertezas, já que a cada vez mais adquirimos competências para lidar com o 'inusitado'.

Falamos de medos e inseguranças porque, geralmente, ao se propor ao novo e especialmente ao exercício da autonomia, é comum termos pensamentos limitantes: será que vai dar certo? É legítimo construir dessa forma ou estou ferindo protocolos

acadêmicos? E se os alunos não se envolverem como sinalizaram no início?

A experiência da Feira, de modo geral, proporcionou um exercício de paciência e aceitação dos tempos de cada indivíduo, o que muitas vezes não aprendemos nas atividades tradicionais da sala de aula. Uma atividade que envolve a comunidade universitária e que extrapola o ensino de conteúdos apresenta para o docente desafios não-convencionais como atrasos, imprevistos, cancelamentos, dificuldades estruturais, uso da criatividade, etc. Sendo assim, o projeto fortaleceu em todos habilidades que não se restringem à qualificação enquanto docente.

Nesse sentido, conclui-se que a realização de atividades como a Feira de Conhecimentos sobre América Latina em disciplinas voltadas à formação de professores constitui metodologia potente, por permitir aos futuros professores lidarem com amplas questões acadêmicas e profissionais.

Ademais, realizar atividades que envolvam múltiplas linguagens com os discentes, qualifica os futuros educadores a desenvolverem metodologias semelhantes quando estiverem à frente de turmas na educação básica ou atuando como educadores populares. Sistematizar academicamente as propostas e os objetivos alcançados, através deste artigo, revela-se igualmente importante na medida que pode inspirar outras iniciativas semelhantes entre professores do Ensino Superior ou Básico.

Por fim, a Feira permitiu ressaltar a relevância dos estudos sobre a América Latina, na medida que eles permitem encontrar um sentido maior nas dificuldades e riquezas (políticas, econômicas e culturais) vividas no cotidiano de tantas periferias e zonas rurais do Brasil. Estudar essa diversa região também é incorporar na sociedade um novo olhar sobre nós mesmos.

### **3 AUTONOMIA E EPISTEMOLOGIA DA PRÁTICA EM ANÁLISE**

A Geografia é, por sua própria natureza, uma disciplina abrangente por produzir análises que perpassam relações entre sociedade e natureza. Seus conceitos-chave – lugar, território, paisagem, região e espaço – expressam e valorizam a indivisibilidade entre ambas as dimensões da realidade (AZAMBUJA, 2009), sendo papel do ensino em Geografia pensar essa interação física e humana.

Além de lidar com essa questão antiga da Geografia, a construção da Feira permitiu exercitar os desafios da nova geração de docentes, instigando o exercício da autonomia frente a eles. Por isso sua organização foi pensada e deliberada dentro da própria sala, a

partir de alguns princípios previamente estabelecidos por docente.

A disposição do professor ministrante de se expor a definir coletivamente com a turma um método de ensino-aprendizagem foi baseada no princípio do “professor pesquisador”:

Pensar certo, em termos críticos, é uma exigência que os momentos do ciclo gnosiológico vão pondo à curiosidade que, tornando-se mais e mais metodicamente rigorosa, transita da ingenuidade para o que venho chamando “curiosidade epistemológica”. [...] Pensar certo, do ponto de vista do professor, tanto implica o respeito ao senso comum no processo de sua necessária superação quanto o respeito e o estímulo à capacidade criadora do educando. Implica o compromisso da educadora com a consciência crítica do educando cuja “promoção” da ingenuidade não se faz automaticamente. (FREIRE, 1996, p. 14)

Entre as preocupações que estimularam essa escolha está o fato de que, nos dias atuais, cresce o número de depoimentos de docentes que são contestados por alunos com base em fontes de internet, parte delas superficiais em seus fundamentos (MANFIO; SEVERO; WOLLMANN, 2016). Cresce também o número daqueles que estudam através canais de vídeo ou podcasts na internet.

A disponibilidade de informação, somada à relativa facilidade com que se pode reuni-las e divulgá-las, representa, por um lado, um recurso de grande valia para educadores; no entanto, pode criar um desinteresse para com a escola, caso ignoremos tais novidades e não trabalhemos a autonomia dos alunos para lidar com esse universo informacional de modo responsável.

Exercitando a autonomia, foi possível realizar uma atividade agregadora de linguagens e interesses, inspirando a curiosidade entre os futuros docentes, para que atuem na realidade escolar a partir do princípio da epistemologia da prática:

A epistemologia da prática valoriza a prática profissional como um momento em que o educador constrói conhecimento a partir da análise e reflexão desta. Diz respeito a um conhecimento produzido na ação e sobre a ação (MENEZES; KAERCHER, 2015, p. 49)

A epistemologia da prática questiona, pois, a produção e difusão do conhecimento na universidade, majoritariamente pautados na racionalidade moderna, provocando-nos a pensar a democratização da ciência para com os diversos públicos (dos doutores aos profissionais da limpeza), partindo da ideia de que o ensino deve ser contextualizado com o ambiente educativo.

A Feira, então permitiu aos licenciandos refletirem de modo crítico sobre fronteiras e pré-requisitos da educação, para exercê-la do modo mais inclusivo possível, visto que, especialmente na escola, a interação com familiares e profissionais de apoio podem favorecer ambiente mais rico e criativo.

A utilização das Artes auxiliou esses processos. Na Feira, os licenciandos exercitaram o uso da arte na educação geográfica como potencializadora de afetos e processos de ensino-aprendizagem. Esse estímulo fez com que alguns fossem além do exigido, criando músicas e poesias autorais pensando no ambiente educacional, proposta muito potente para o Ensino Básico.

Há muitas discussões sobre o potencial das Artes no ensino de Geografia, afinal contam histórias sobre cidades, regiões, paisagens, territórios. Por ter sido utilizado durante a preparação e a realização da Feira, os alunos saíram mais preparados para usar esse recurso que cria interesse e curiosidade no ambiente escolar.

O projeto, assim, permitiu prepará-los um pouco para lidar com a interdisciplinaridade na escola, elemento que compõe a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), especialmente a do Ensino Médio (2018), onde a Geografia deixa de ser uma disciplina obrigatória, com conteúdos redistribuídos na área das Ciências Humanas.

A Feira capacitou os licenciandos a construir mecanismos para exercer a interdisciplinaridade no ambiente escolar, no que tange o diálogo entre conteúdos e as relações entre segmentos que compõe uma instituição de ensino.

Outra dimensão da formação dos professores que foi incrementada com a Feira diz respeito a reflexão sobre os conteúdos obrigatórios definidos nas leis 10.639/2003 e 11.645/08, que tratam, respectivamente, da inserção da história e da cultura afro-brasileira e indígena no Ensino Básico (SANTOS, 2009), provocando os futuros professores a discutir a questão racial nas Américas e pensar mecanismos que reposicionem esses temas na Geografia escolar que, desde seu surgimento no Brasil, trata esses povos com indiferença ou com desprezo, como demonstrou Azambuja (2014) ao estudar os livros didáticos.

A preparação para a Feira alertou para o que Bourdieu e Passeron (1992) definiram como violência simbólica, quando a educação desqualifica subjetividades e conhecimentos de matrizes não-científicas em prol da suposta 'formação'.

A noção de educação inclusiva esteve presente em todo processo, partindo do princípio que o ensino de Geografia está relacionado ao poder das pessoas e instituições, sendo criador/reprodutor de "ideologias espaciais" (STRAFONI, 2018, p. 188), colocando aos novos educadores a necessidade de uma autocrítica constante.

Portanto, os novos educadores foram capacitados a exercer uma Geografia escolar contextualizada, conscientizadora das “interações entre os múltiplos componentes espaciais” que se realizam na “cotidianidade dos alunos” (STRAFONI, 2018, p. 184).

Todos esses fatores justificam a relevância do projeto para a vida profissional dos envolvidos. Porém o maior destaque da Feira foi contribuir com um aspecto fundamental da formação docente, anunciado por Freire (1996), a autonomia, que além de ser um imperativo ético, deve ser uma escolha.

Experimentando uma transição da dependência passiva à liberdade ativa no processo de aprender e ensinar, a Feira permitiu vivenciar a ideia de que “a leitura do mundo” não deve estar dissociada da “leitura da palavra” e de que o conhecimento não deve ser apartado do ser e da emoção.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do presente artigo foi possível compartilhar parte dos elementos que compõem a documentação e relato acerca da Feira de Conhecimentos sobre América Latina, realizada na UFBA no ano de 2019, evidenciando, a partir de conceitos da Educação e do Ensino em Geografia, desafios e potenciais da educação geográfica nos dias atuais, especialmente no que tange aos conhecimentos latino-americanos.

A realização deste projeto e sua análise a posteriori permitiram tecer considerações teórico-metodológicas que podem servir como inspiração e suporte para novos projetos de educação em Geografia ou para estudos sobre práticas pedagógicas.

Entre as considerações emergidas, destacam-se: (a) importância do uso da interdisciplinaridade e de múltiplas linguagens para lidar com os desafios contemporâneos da educação; (b) a epistemologia da prática como potente ferramenta para a educação inclusiva que possibilita articulação entre conteúdos planejados e cotidianidades relativas ao ambiente escolar; (c) efetividade de técnicas como a instalação geográfica no despertar de interesse sobre temas geográficos; (d) a exequibilidade das práticas que asseguram autonomia discente na produção do conhecimento, inclusive em relação aos métodos de avaliação.

Com a devida explanação dos aspectos práticos da realização e de sua abordagem analítica, este trabalho apresenta possibilidades de articulação entre teoria e práxis para o ensino geográfico sobre a América Latina, buscando superar antigos paradigmas científicos excludentes e favorecer processos educativos que entendam os educandos como sujeitos

de conhecimentos e direitos.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA; SILVA. **Abya Yala como território epistêmico**: pensamento decolonial como perspectiva teórica. Interterritórios, Caruaru, V.1, N.1, 2015.
- AZAMBUJA, L. D. **Geografia, natureza e sociedade**. Ijuí: Editora UNIJUI, 2009.
- AZAMBUJA, L. D. O livro didático e o ensino de geografia do Brasil. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 4, n. 8, p. 11-33, jul./dez., 2014
- BOURDIEU, P.; PASSERON, J. C. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. 3 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.
- FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FARRET; PINTO. **América Latina**: da construção do nome à consolidação da ideia. Topoi, v. 12, n.23, jul.-dez. 2011, p. 30-42.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- MANFIO, V.; SEVERO, M.; WOLLMAN, C. Educação e geografia escolar: os dilemas, desafios e o papel do professor na construção do conhecimento. **Revista Perspectiva Geográfica** - Marechal Cândido Rondon, v. 11, n. 14, p. 63-73, jan.-jun., 2016.
- MENEZES, V.; KAERCHER, M. A formação docente em geografia: por uma mudança de paradigma científico. **Giramundo**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, p.47-59, jul./dez. 2015.
- QUIJANO, A. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. In: LANDER, E. (org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Coleção Sur-Sur. Buenos Aires: CLACSO, 2005.
- RIBEIRO, E. **Práticas pedagógicas** – o ensino geográfico por instalações. In: Anais do IX Seminário de Pós-Graduação em Geografia da UNESP Rio Claro, 2009.
- RIBEIRO, E. **Instalações geográficas pensando a avaliação construtiva para se trabalhar a geografia na sala de aula**. In: Educação, arte e geografias – linguagens em (in)tens(ç)ões. SUZUKI, J. C.; SILVA, V. C.; FERRAZ, C. (Org.). Porto Alegre: Imprensa Livre, 2016.
- SANTOS, M. **Ensaio sobre urbanização latino-americana**. São Paulo (SP): Hucitec, 1982.
- SANTOS, M. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SANTOS, R. E. dos. O ensino de Geografia do Brasil e as relações raciais: reflexões a partir da Lei 10.639. In: SANTOS, R. E. (Org.). **Diversidade, espaço e relações étnico-raciais: o negro na Geografia do Brasil**. Belo Horizonte: Editora Gutenberg, 2. Ed., 2009.

SOUZA-SANTOS, B. **Para além do pensamento abissal**. Das linhas globais a uma ecologia dos saberes. In: Novos Estudos CEBRAP, 79, Novembro 2007, p. 71-94.

STRAFONI, R. **O ensino de Geografia como prática espacial de significação**. Estudos avançados n. 32, 2018.

\*\*\*